

seus "crentes", que não puseram sua moral em discussão e até mesmo confiavam suas "virges" — meninas de seis, sete anos — a dormirem em seus braços. Terá sido uma delas Teodora, a neta de Eusébio e Querubina.

5. MARIA ROSA, a que sabia tudo, e era por todos acatada.

A crente fervorosa, que gostava de vestidos brancos enfeitados com fitas e penas multicores, foi a juíza severa e liberal, julgando simultaneamente com mão firme e com o coração. A "Virgem" que não sabia ler nem escrever, mas que marchou à frente das procissões empunhando sua espada enfeitada e carregando e grande bandeira branca com a cruz verde, não foi prevalentemente a "virgem guerreira", apesar dos combates que enfrentou em Caraguatá.

No governo de Maria Rosa, a fé cabocla tomou formas concretas em projetos de transformação social.

Maria Rosa foi a comandante da segunda fase do Contestado: a fase de transição do messianismo para o banditismo. No governo de Maria Rosa, a fé cabocla tomou formas concretas em projetos de transformação social, não apenas em suas proporções, mas também em sua concreticidade. É sob sua coordenação que se experimenta o maior tempo de vida fraterna em paz, onde todos viveram como irmãos, dividindo seus bens com alegria, perseverando no ensinamento da religião, tendo tudo em comum (cf. At 2,42-44). Evidentemente, longe de serem a idealização do paraíso, os redutos viveram em meio às alegrias e às tensões próprias

do "banquete dos pobres", vivendo na "cidade santa" deste mundo.

Maria Rosa foi a heroína vencida. Por isso a história preferiu abrir páginas para outra guerrilheira catarinense — não a dos pobres e marginalizados — Anita Garibaldi (aliás, Ana de Jesus Ribeiro), que partilhou da fama do seu marido em outras terras. Maria Rosa, que lutou pela sua própria terra natal, e foi comandante geral de um movimento de mais de 25 meses, não mereceu sequer uma linha positiva na história oficial: tudo porque foi heroína vencida, num movimento julgado inglório, e porque somente a prepotência dos vencedores domina a história.

Maria Rosa, "Joana d'Arc do Contestado", teu nome ainda não nos é conveniente. Maria Rosa de Souza, tu lutaste em defesa de terra para os sem-terra, e isto não foi do agrado dos coronéis e governantes, nem dos donos da Holding Brasil Railway.

Maria Rosa, nasceste para ser heroína vencida: por isso, teu nome está banido entre nós, e os dominadores ainda temem as idéias que defendeste; por isso, tentam convencer-nos de que devemos esquecer-te.

Mas, na voz e no ideal dos caboclos tu vives. És uma ressuscitada que vives no teu povo. Ajuda, pois, tua gente sofrida e marginalizada de hoje. Ajuda-a, acima dos monumentos e preconceitos do nosso machismo. Ajuda-a, acima mesmo de nossa divisão de poderes políticos e religiosos.

É teu povo que precisa de ti, do teu ideal e da tua luta, para ter terra e trabalho. Maria Rosa, roga por esta gente!

NOTA:

Pesquisa realizada no Contestado, esp. nas apostilas de Pe. Hélcion RIBEIRO, de Lages, e Dr. Nilson THOMÉ, de Caçador.

Endereço da autora:
Cx. Postal 227
89500 CAÇADOR, SC

A MULHER CONSAGRADA NA LUTA PELA TERRA EM SANTA CATARINA

Ir. Olímpia Gaio IFAP
Diocese de Lages

1. Introdução

O grupo das mulheres cristãs de Santa Catarina se propôs refletir sobre a participação da mulher na conquista da terra. Foi um estudo preparatório para o III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher, cujo tema fundamental foi: Mulher — Terra — Teologia.

Os enfoques trabalhados neste Regional foram:

- A mulher em Santa Catarina na época da colonização;
- A mulher catarinense e o solo urbano;
- A mulher no Contestado;
- A mulher consagrada na luta pela terra ⁽¹⁾.

A CRB tem como prioridade: "Viver a dimensão profética da Vida Religiosa". Obviamente, a luta pela terra inclui um elemento essencial do profetismo, considerando a denúncia e o anúncio permanentemente presentes na HISTÓRIA DA TERRA.

Como a religiosa sente esta realidade e o quanto ela se envolve nesta caminhada? A partir desta indagação, elaborou-se um questionário e foi enviado às comunidades das oito dioceses do Estado.

Resumidamente apresento alguns dados da realidade e as conclusões que emergiram.

2. Religiosas envolvidas, parcial ou totalmente, na luta pela terra em Santa Catarina.

Conforme dados estatísticos de 1987, do Regional Sul IV, Santa Catarina contava com 2.251 religiosos. Destes, 1.777 eram religiosas.

Estas, em todo o Brasil, eram 38.782, com relação média de uma religiosa para cada 3.400 habitantes. Nos Regionais do Sul do país estão 50,6% das religiosas, para 37,1% da população brasileira. Em Santa Catarina vivem 5,2% das religiosas do Brasil.

Em 1974 havia 2.239 Irmãs em Santa Catarina — uma para cada 1.400 pessoas.

Em 1984 havia 1.969 Irmãs — uma para cada 2.000 pessoas.

Em 1987 havia 1.777 Irmãs — uma para cada 2.200 pessoas.

No Nordeste 3 (Bahia) a relação é de uma religiosa para cada 7.400 pessoas. No Sul 3 (Rio Grande do Sul), a relação é de uma religiosa para cada 1.400 pessoas. Em nosso Estado convivem 95 Congregações religiosas: 63 femininas e 32 masculinas. Deste contingente, quantas estão engajadas, total ou parcialmente, na pastoral da terra? O levantamento feito nas dioceses, forneceu-nos o seguinte quadro:

área rural		área urbana	
Região de Lages.....	16	00
Região de Caçador.....	03	00
Região de Joaçaba.....	01	00
Região de Chapecó.....	13	07
Região de Florianópolis..	00	05
Região de Florianópolis..	07	00
	44		12 = 56

Baseando-nos ainda na pesquisa do Regional, quando se trata dos maiores avanços das dioceses nos últimos anos encontramos: “o compromisso dos religiosos com as dioceses” e “o movimento das mulheres”. E dentre os maiores avanços do organismo destaca-se “o deslocamento dos religiosos para a periferia”.

“a participação da religiosa nos organismos de decisão eclesial ainda é pouco sentida”.

Na análise da mesma enquete aparecem dois pontos que merecem ser retomados: “a participação da religiosa nos organismos de decisão eclesial ainda é pouco sentida”. E na questão: O que o setor espera do Regional? temos este apelo da vida Religiosa: “espera-se a valorização da VR respeitando os carismas”.

Em reuniões e debates emerge freqüentemente a questão da mulher consagrada. As análises encerram elementos positivos e negativos. Sintetizamos os aspectos relevantes: “é a mulher religiosa, com as demais mulheres, que leva em frente a maior parte da evangelização, e ela que está na base”. Vale lembrar o que Clodovis Boff afirma sobre as CEBs: “As CEBs devem realmente muito ao trabalho das Irmãs inseridas na pastoral popular. Mais talvez do que a qualquer outro agente pastoral: bispo, padre, teólogo ou leigo. Elas aparecem como as verdadeiras mães da Igreja nova” (C. Boff, “Instr. Form. Trab.” Publ. CRB).

Surgem, no entanto, os desafios para a religiosa. Temos inúmeros depoimentos: “a religiosa é ainda dominada, explorada no trabalho, pela hierarquia da Igreja”; “somos tapa-buracos nas paróquias”; “indefinidas no Direito Canônico (nem clero, nem povo)”; “sem organização e posicionamento (gritamos isoladas)”; “omissas”; “ficamos só na execução”.

Apesar do quadro melancólico, emergem sinais indicadores de uma crescente consciência: “nós mesmas não nos valorizamos e não nos posicionamos como mulheres. Chegou o momento”. Surgem também propostas de encaminhamento: “necessitamos de organização e capacitação; dispor-se a assumir; recuperar a figura da mulher e mulher consagrada na evangelização”; “iluminação a partir das mulheres da Bíblia tais como: Ana, Ruth, Débora, Judite, Ester, Vasti, Maria Madalena, a Mãe de Jesus e outras, como as diaconisas e as líderes das primitivas Igrejas”.

3. Presença feminina no setor urbano e rural da luta pela terra.

Uma pergunta do levantamento feito junto a grande número de religiosas que atuam na pastoral da terra foi: **como está a organização e participação das mulheres do setor urbano e rural na luta pela terra em Santa Catarina?**

Há um consenso geral de que a participação das mulheres na luta pela terra está desencadeada e cresce significativamente. Acrescentam que junto aumenta o nível de consciência e apontam várias conquistas. Atribuem isto à sua organização e à presença das próprias religiosas no processo. Algumas afirmam: “o movimento surgiu e se mantém a partir da presença e da atuação das religiosas em meio às companheiras da área rural”. Esta presença é mais pessoal e não da Instituição como um todo. Vejamos: “Sabe-se da presença de várias religiosas que atuam e marcam presença significativa em áreas rurais, tanto por ocasião de conflitos maiores, como em programas de regularização de áreas para os sem-terra. No entanto, a participação até o momento é mais a nível de pessoas. Constata-se outrossim que a organização e participação das mulheres do setor rural é mais avançada do que do setor urbano.

“No setor rural sentimos: — presença marcante e corajosa nas ocupações; — atuação efetiva nos diferentes serviços nos acampamentos e assentamentos; — organização, na maioria das comunidades, de grupos de mulheres que refletem, estudam e discutem os problemas e a situação geral do país; — participação maior das mulheres no sindicato, como associadas e como participantes de diretorias; — presença atuante da mulher nos bloqueios a Bancos e estradas, denunciando uma estrutura fundiária injusta que traz como consequência: preços baixos dos produtos, juros altos, colonos entregando a terra...”

No setor urbano: A caminhada de organização é ainda pequena, mas já se percebem alguns sinais: — grupos de mulheres nos bairros, começando a refletir sua realidade e tomando consciência da falta de terra para morar e trabalhar; — pequenas reivindicações de terra e casa para morar; — resistência frente aos despejos (é comum as Prefeituras “limparem” as beiras de estrada, especialmente na entrada das cidades, pois os barracos “estragam” o visual...).

Você ou a sua comunidade já participou de algum conflito ou conquista de terra?

4. Opção pessoal e comunitária na luta pela terra.

Você ou a sua comunidade já participou de algum conflito ou conquista de terra? — Em várias regiões do

Estado, religiosas estiveram presentes "do início ao final da luta pela conquista da terra". E de várias formas: orientando, animando, acompanhando as famílias. Vejamos algumas descrições: "Nossa comunidade participa na conscientização e organização dos agricultores através da CPT e do MMA (= Movimento das Mulheres Agricultoras) por uma política agrícola que permita aos agricultores viver dignamente, receber o justo valor pelos seus produtos, ter escola para seus filhos, saúde, meios de transporte e comunicação, lazer e participação a nível sindical e político. Somos sete religiosas na diocese desenvolvendo todo um programa de formação com os agricultores, mulheres e homens, a nível paroquial, comarcal e diocesano, organizando comissões, incentivando e apoiando pequenas lutas de reivindicação dos direitos e ajudando para o surgimento de um sindicalismo autêntico. Além desta equipe, duas Irmãs realizam o trabalho de formação bíblica, catequética e litúrgica, no assentamento de Itaiópolis. Outra religiosa acompanha e orienta o trabalho de educação junto aos professores.

O importante é a constatação de que "toda a caminhada foi sempre avaliada com as famílias, destacando-se as conquistas e apontando sempre os direitos que podem ser reivindicados". E, após as conquistas, as religiosas destacam a importância de permanecer com a comunidade. Afir-mam: "até hoje", os moradores do bairro, fortificados pelo incentivo, orientação e engajamento das Irmãs, continuam organizando-se e conquistando as condições básicas de água, luz, escola..."

As religiosas reconhecem também as dificuldades, mas consideram-nas normais na caminhada: "Embora o enfrentamento com o Estado, a CIDASC, Prefeitura, Secretaria da Agricultura, etc, exigem muito de luta, não chegam a romper o processo".

5. Presença e contribuição da VR Feminina na luta pela terra.

Uma terceira questão levantada foi: na sua percepção, qual a contribuição da religiosa na luta pela terra? E a resposta: "Há bastante presença, mas ainda existe medo. Há acomodação. Falta ainda um trabalho de conjunto. Existe o "meu trabalho" e não o engajamento de toda uma comunidade ou província. Falta gente preparada.

Depoimentos significativos vão na direção da importância da mulher religiosa solidarizar-se com as demais mulheres: "Nossa contribuição de religiosas, na luta por terra e justiça no campo, se dá na medida em que nos solidarizamos com as mulheres e homens agricultores, sendo irmãs e companheiras no sofrimento e nas suas lutas pelos direitos e pela mudança deste sistema opressor. É importante a convivência com este povo, de maneira simples e dedicada, procurando incutir a confiança na organização e mantendo viva a esperança no Deus libertador que caminha com o seu povo. Nossa contribuição se expressa muito no trabalho de organização e formação que desenvolvemos com eles, gastando nisto nosso tempo e energias".

Em outras descrições, aparece bem concretamente a marca da religiosa no processo de conquista: "a partir das ocupações de terra de 1985, acentuou-se a participação das religiosas, numa presença em alguns casos efetiva, morando nos acampamentos e assentamentos, em outros casos, temporária ou esporadicamente.

Contribuição das religiosas: colaboração nos serviços mais urgentes nos acampamentos (saúde, alimentação, higiene); formação de lideranças; colocação das casas religiosas à disposição do Mov. Sem-terra para suas reuniões, alimentação, telefone; fornecimento em dinheiro para compra

de sementes e ferramentas agrícolas, passagens para cursos de formação.

Transparece, porém, certa incoerência da VR entre teoria e prática.

Transparece, porém, certa incoerência da VR entre teoria e prática. Vejamos este relato: "Percebo que existem resistências da parte de um significativo número de religiosas. No falar tudo é muito fácil, mas deixar nosso sossego, mordomias, e estar na luta, eis aí o grande desafio. Porém, um grande grupo sente o desafio e assume a causa do oprimido". Ressalta-se claramente a qualidade da presença sentida e testemunhada pela religiosa: somos presença na dimensão da fé e missão da VR: animação nas celebrações da MÍSTICA DA LUTA, alimentando a esperança na caminhada de cada comunidade: as religiosas atuam na intervenção direta, na articulação, na formação, como apoio, incentivo, viabilização de espaço e inclusive partilha, socializando os bens".

No entanto, volta a constatação de que a contribuição da VR é dada por pessoas e não pela instituição como um todo. Está evidenciado no que segue: "Até o momento, tenho a impressão de uma participação, presença e contribuição das religiosas a nível mais pessoal, menos de comunidades e quase nada das congregações como um todo, uma vez que isto implicaria também numa partilha concreta e mais ampla. Na prática, as religiosas que participam mais desta luta percebem que tanto as assessorias técnicas e seu financiamento, bem como a manutenção não-esporádica mas contínua das religiosas nesta longa batalha, vem de outras entidades comprometidas com esta causa."

A luta por terra e moradia atinge diretamente a estrutura capitalista, centrada na propriedade privada da terra e de mercado, pelo que traz consigo a necessidade de entrosar com vários grupos de lideranças comprometidas com a causa dos empobrecidos. Assim, a presença da religiosa é intensamente a de entrosar, articular, marcar presença, ajudar a manter o ânimo nas tentativas pouco sucedidas, garantir a "mola propulsora", como dizem alguns.

a importância da formação "na e para a inserção".

6. A terra e suas irradiações na comunidade e na província.

Que avanços trouxe para sua comunidade, província e VR, o envolvimento na luta pela terra? — Muitos são os avanços descritos por várias pessoas. É bom registrá-los. Porque nos farão perceber a força evangelizadora da VR feminina, quando direcionada por uma opção evangélica: "Já se percebeu conversão, interesse, preocupação, presença efetiva na caminhada pela conquista da terra. Inclu-

sive, foi incluída como uma prioridade da província e da paróquia onde estamos.

Uma comunidade que reside no assentamento, fornece elementos significativos de renovação e esperança. Escreve uma delas: "Selamos nosso compromisso com o povo e sua luta; crescemos na simplicidade e doação; os questionamentos constantes frente à nossa maneira de viver a VR, nos ajudam a reassumir nossa missão". Finalmente a comunidade acrescenta a importância da formação "na e para a inserção".

Algumas constatações estão no sentido dos conhecimentos adquiridos a nível de estrutura e conjuntura social no momento em que se opta pela classe trabalhadora. Conferindo: "Houve uma tomada de consciência do valor da classe agricultora e, junto, um despertar sobre a estrutura da sociedade, bem como a organização rumo a um projeto comum pela transformação."

Conforme algumas descrições, estes avanços vêm permeados de medos e outros desafios. Porém, a certeza da vitória é patente, pois a história sempre foi marcada por avanços e recuos. Dizem-nos as religiosas: "São mais ou menos equilibrados os avanços, os medos e os sustos que vão acontecendo na caminhada". Dos primeiros destaco o seguinte: "É uma luta tão antiga. . . o povo do Êxodo lutou 400 anos e conquistou a terra prometida. Nós, no Brasil, lutamos há tanto tempo — e os faraós ainda continuam fortes. . . e há milhares de famílias sem terra!" Parece que já estaria merecendo a fundação de Congregações que se dedicassem exclusivamente a este serviço. É uma possibilidade concreta de somar forças com os empobrecidos numa luta ampla, assumida pela Pastoral da Terra, mas que se organiza além de suas esferas próprias. A opção clara pela inserção na luta junto aos agricultores nos faz experimentar o sentido mais profundo da vida cristã e religiosa — consagração a Deus e ao seu Projeto.

Destaca-se ainda o surgimento de uma nova espiritualidade. Não baseada em verdades preestabelecidas ou conceitos pensados sobre Deus. Emerge da experiência dura e sofrida do povo. E a VR se renova e cria novas formas de expressão da fé e da oração. "Constantemente refletimos e celebramos na comunidade a presença e ausência de Deus nesta realidade. Confrontamos os fatos e a caminhada à luz da Palavra de Deus."

Ressaltam outrossim a importância do povo como elemento formador e de conversão para a VR: "A convivência com o povo é um elemento formativo muito forte por seu testemunho de resistência e dedicação, pela fé e esperança que expressam, pelas exigências que nos faz a caminhada com eles, pelo aprofundamento teórico e o equilíbrio psicológico que se fazem necessários na missão. Acreditamos que é a situação de pobreza e exploração crescente de nosso povo que em grande parte nos faz caminhar, como Província, para uma VR mais comprometida e coerente." Visualiza-se maior crescimento na consciência das causas dos problemas sociais mais amplos e a necessidade de aprofundamento permanente. Vejamos os depoimentos: "Adquirimos maior clareza em relação à luta, à estrutura e conjuntura da sociedade." Ainda: "Envolvimento mais comprometido com a luta dos agricultores, remontando assim às próprias raízes da exploração". "Ajuda a redimensionar a própria compreensão da VR: vida comunitária, espiritualidade, oração..." Exigência de formação permanente a nível pessoal, de comunidade e de Congregação, incluindo estudos próprios ou com os trabalhadores.

7. Conclusões.

Pela reflexão a que chegamos, podemos tentar algumas

conclusões, deixando aberto o caminho para enriquecimento contínuo.

A mulher consagrada, unida a outras mulheres dos movimentos populares, conquista espaço e reconhece a sua força evangelizadora. Apesar do número quantitativamente reduzido de religiosas nesta pastoral, constatamos que a grande força de animação e renovação na caminhada de fé e esperança na luta pela terra reside nelas.

Nos movimentos populares de base, as religiosas e as mulheres do povo estão assumindo as lideranças

O número pequeno de consagradas, inclusive o assumir pessoal e isolado, pode estar ligado ao fato de que as religiosas ainda dependem do controle da Província com sede em outro Estado ou alhures, distante da nossa realidade.

Nos movimentos populares de base, as religiosas e as mulheres do povo estão assumindo as lideranças, inclusive em presidências de Associações de moradores.

Evidencia-se a fibra, coragem, ousadia das mulheres em suportar as exigências de uma ocupação diante das ameaças. É delas, em grande parte, que depende o não-esmorecimento na luta. Em muitos casos são elas que assumem a dianteira da luta e a conduzem com dinamismo e persistência.

A presença, incentivo e apoio das religiosas tem contribuído de um modo especial nas organizações. De uma diocese recebemos o seguinte: "Em nossa região pode-se dizer que 90% deste trabalho deve-se muito ao empenho de religiosas que estão envolvidas na luta pela terra."

Na luta com os empobrecidos, nossa espiritualidade muda. Sinal disto é que nunca se escreveu, discutiu, refletiu e se buscou tanto por uma nova espiritualidade da VR.

Um questionamento: Haverá possibilidade de conversão da VR como um todo? Já que várias constatações foram no sentido de que não há uma participação ativa das religiosas como um todo? Trata-se de elementos que se empenham e arriscam, enquanto Províncias inteiras continuam ligadas a obras tradicionais.

NOTA

(1) O enfoque sobre a Mulher no Contestado também aparece nesta revista, nas páginas anteriores. Quanto a este trabalho, elaborado como os outros em 1988, faltou atualizar os dados estatísticos, pelo que pedimos escusas aos leitores (Nota do Redator).

Endereço da autora:
a/c Secretariado Diocesano de Pastoral
Cx. Postal 20
88500 — Lages, SC